

Algumas considerações sobre os resultados do PIB no ano de 2017

Introdução

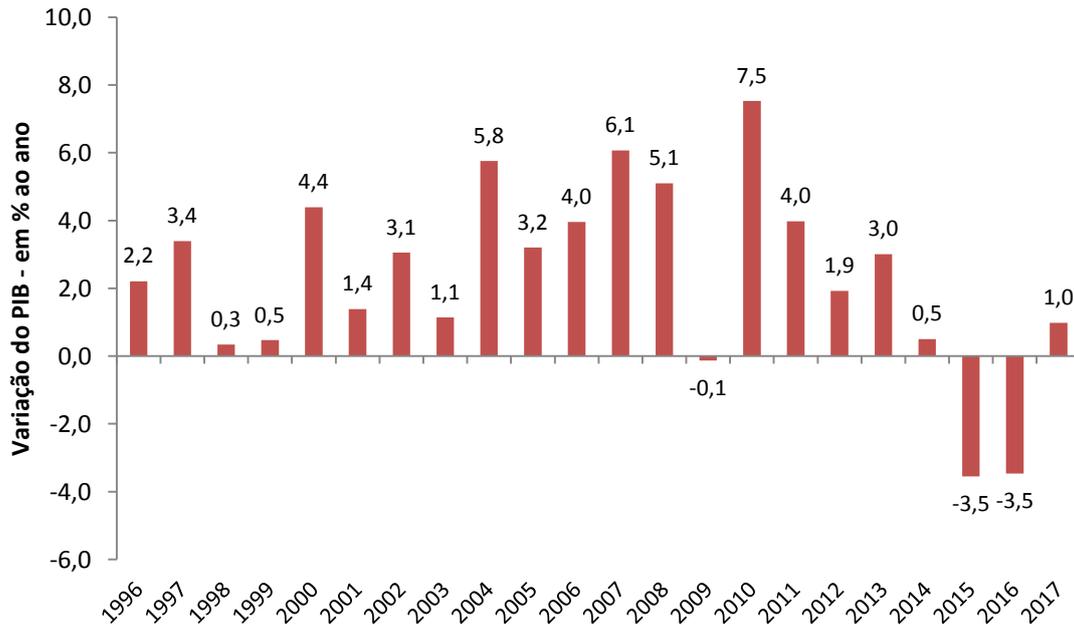
O resultado do Produto Interno Bruto (PIB) do ano de 2017 aponta que houve interrupção dos resultados negativos verificados no biênio de 2015 e 2016, já que neste ano a economia avançou 1,0%. Porém, dada baixa intensidade, torna-se relevante entender os seus determinantes e, principalmente, que tipo de “herança” o resultado de 2017 poderá gerar para os anos seguintes, definindo assim a velocidade de, pelo menos, recuperação das perdas nos últimos períodos.

Dito de outra forma, ainda que tenha havido algum avanço, a economia brasileira encontra-se ainda extremamente debilitada, dado que mesmo diante de uma base de comparação estatística favorável (dada recessão dos últimos anos), o reduzido crescimento no ano, abaixo inclusive da média do período de 2011 a 2014, indica que o resultado se deu ainda em bases frágeis e, mais que isso, que a não ser que haja uma modificação da trajetória da economia, a recuperação das perdas da recessão será lenta, com o país sem uma base de crescimento sustentável.

Resultados do PIB para o ano de 2017

Considerando a análise dos resultados anuais, ou seja, de 2017 como um todo, o avanço de 1,0% em comparação ao ano de 2016 marcou a interrupção da queda verificada no biênio de 2015 e 2016. Mas conforme já salientado, a intensidade dessa variação, mesmo frente a uma baixa base de comparação, pode ser considerada reduzida. Na comparação entre trimestres, ao mesmo tempo em que se verificou uma redução na velocidade de crescimento no decorrer de 2017, a baixa base de comparação do 4º trimestre de 2016 superdimensionou o resultado do último período de 2017, auxiliando a obtenção do resultado do ano como um todo.

Gráfico 1: Variação do PIB, 1996 a 2017 (dados trimestrais), em % ao ano.



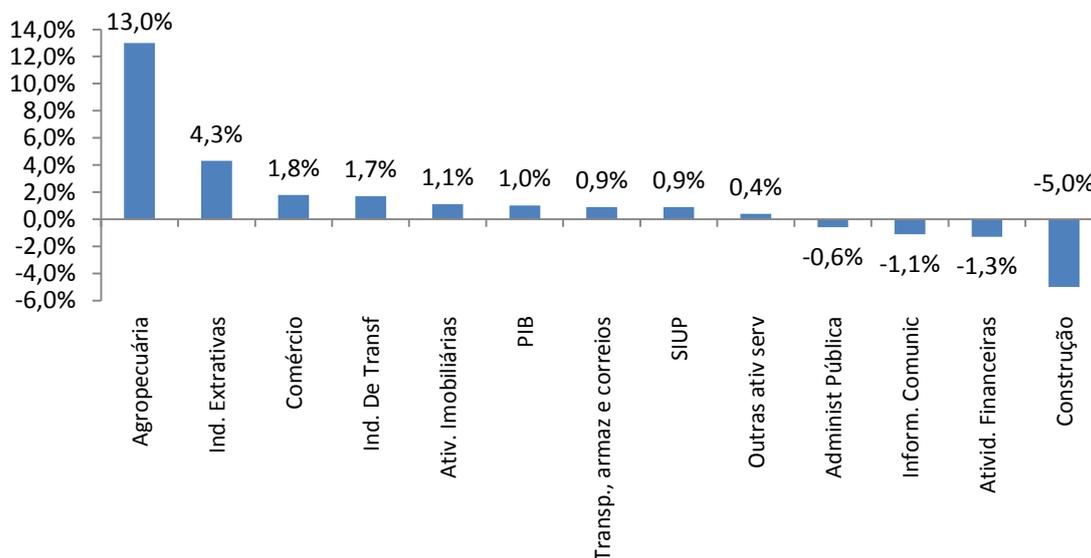
Fonte: Sistema de Contas Nacionais – IBGE.

Do ponto de vista setorial, os resultados do ano de 2017 se devem a um grande avanço da *agropecuária* em 2017, que mesmo com um cenário de preços internacionais adversos, teve aumento de exportações derivado de tanto uma melhora da economia internacional como uma relativa estabilidade cambial, além de menores contratemplos climáticos e aumento da produtividade. Destaque também para a considerada “supersafra” do setor, que além de elevar a produção, demandou um aumento da produção de bens de capital, tratores e caminhões, dentre outros, auxiliando uma recuperação da *indústria de transformação*. Essa, por sua vez, também teve importante influência de ciclos esporádicos de consumo, como no caso dos recursos do FGTS e PIS-PASEP, como de recomposição de estoques, em especial na indústria automobilística (que também teve melhora do mercado externo), e o ano de 2017 marcou para este setor a interrupção de um ciclo de três anos seguidos de queda, ainda que sua participação na economia tenha caído 0,1%, sendo atualmente de 11,8%.

Em outros setores, no caso da *indústria extrativa*, esta teve avanço considerável dada melhora dos preços internacionais e aumento de produção. O segmento da *Construção*, por sua vez, permanece em seu calvário, tendo registrado nova queda (de 9,0%, quarto ano seguido de contração), fruto direto da retração das obras de

infraestrutura causadas por fatores fiscais e políticos. *Comércio* também teve avanço considerável no ano, interrompendo uma série de dois anos de queda.

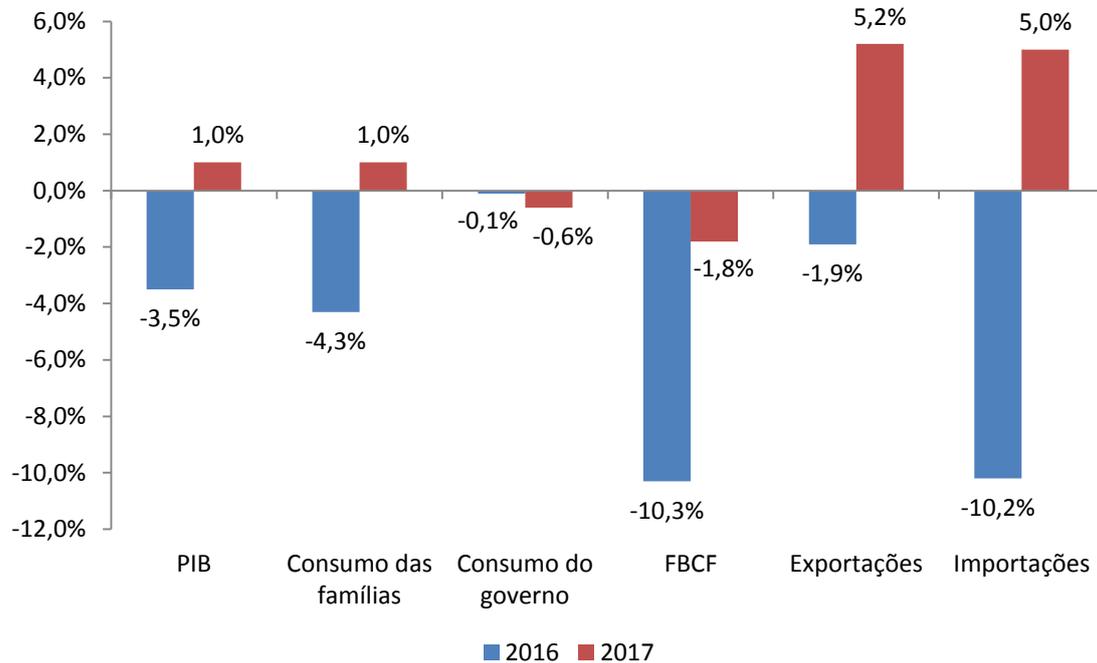
Gráfico 2: PIB e subsetores, taxa acumulada em quatro trimestres (resultado anual), em %.



Fonte: Sistema de Contas Nacionais – IBGE.

Observado os itens da demanda, pode-se afirmar que os resultados de 2017 se devem a uma melhora do *Consumo das Famílias*, favorecidas pela já citada liberação de recursos do FGTS e PIS-PASEP, além do movimento de aumento da massa salarial no decorrer do ano, mesmo que o rendimento individual esteja estagnado. Além disso, o avanço das *exportações* e uma relativa estabilidade das *importações* indicou uma melhora na demanda internacional, favorecendo a atividade econômica. Por outro lado, o comportamento do *Consumo do Governo* teve piora, indicando um aumento na contração do gasto público, que inclusive tem alimentado a deterioração fiscal. Já os investimentos (*formação bruta de capital fixo – FBCF*) registraram novo resultado negativo, com queda de 1,8% em relação a 2016, mas salientando que fatores como o aumento da compra de maquinário agrícola e recomposição de estoques favoreceram uma amenização substancial da queda, que havia sido de 10,3% em 2016; a taxa de investimento da economia foi de 15,5% em 2017, permanecendo em um patamar abaixo de 16,0%, que nunca havia acontecido nos últimos 18 anos até 2016, uma das menores taxas do indicador já verificadas no Brasil em sua história.

Gráfico 3: Componentes da demanda, taxa acumulada em quatro trimestres (resultado anual), em %.



Fonte: Sistema de Contas Nacionais – IBGE.

Algumas Conclusões

- Há de se salientar que o fato de a queda da economia ter sido interrompida em 2017 não exclui a discussão de quais condicionantes e o que ele gera de “empuxo” para os próximos anos. Nesse sentido, o resultado de 2017 teve componentes específicos, não sendo fruto de uma política deliberada de crescimento econômico. Certamente 2018 também terá variação positiva, mas a questão não é se haverá crescimento, mas sim qual a sua intensidade e em que bases.
- Permanece o mesmo problema da economia: sem aumento do investimento público ou privado, não há possibilidade de sustentação de uma recuperação mais robusta da economia, e assim da melhora do mercado de trabalho, da renda e da arrecadação fiscal. Não há sustentabilidade no ciclo econômico; a recuperação das perdas nos últimos anos tende a ocorrer em um ritmo lento, mesmo diante da forte intensidade do movimento de deterioração.

- A redução da taxa de desemprego a partir do aumento do trabalho informal e “conta própria” e queda do assalariamento formal; estagnação dos rendimentos do trabalho; permanência do patamar reduzido de investimentos mesmo com uma base de comparação baixa; e nenhuma ação do gasto público no sentido de atuar de forma “contra cíclica” (estimulando a economia em um cenário de estagnação) são indicadores de como há um longo caminho para um movimento de crescimento econômico de maior intensidade;
- O quadro que se desenha atualmente é o de uma lenta recuperação, sem vigor, e isso se houver manutenção do cenário externo e que não haja uma contração da demanda interna, ou seja, uma dinâmica volátil, débil e que ainda pode ser afetada negativamente;